

A Biblioteca que aqui chegou, vinda de Portugal em 1880, era a Biblioteca Real, isto é – dentro dos moldes europeus –, era a biblioteca dos reis e dos nobres. Três anos depois, exatamente no dia 13 de maio de 1811, a pressão popular já obrigava D. João, príncipe regente e futuro rei do Brasil e de Portugal, a abrir as suas portas ao público, se bem que com a exigência elitista de uma permissão especial para cada um que a quisesse frequentar. Passados mais três anos, caiu essa exigência, e a Biblioteca abriu francamente as suas portas. Não era mais a biblioteca do rei e da nobreza, era a biblioteca da cidade. Diríamos que a cidade democratizou a Biblioteca.

Alguns mitos têm cercado a chegada e a permanência da “Real Bibliotheca” no Brasil. Utilizando documentos fidedignos, já mostramos que sua permanência não foi um dom do príncipe, nem um presente de Portugal, mas uma compra, um ato comercial bem definido. E a sua vinda? Por que veio ela para o Brasil? Era a nobreza lusa, que fugia para cá, tão zelosa pela cultura que não podia ficar longe de sua “Livraria”? Ou já havia no Brasil uma tradição cultural que merecesse a guarda desse acervo, e que o pudesse utilizar com dignidade?

Com a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro, o Brasil assumia *status* de metrópole, consolidava-se o domínio britânico e, apesar disto, decretava-se a Abertura dos Portos brasileiros. Lisboa era ocupada pelas tropas francesas, enquanto a nobreza de Portugal, refugiada no Rio de Janeiro, deixava, discretamente, transparecer seus pendores e preferências francófilas.

As elites luso-brasileiras do Rio e de outras grandes cidades passaram a viver voltadas para a Europa. Não tanto para Portugal. Sobretudo para a França e bem menos para a Inglaterra. Fizeram vir uma Missão Francesa, sob a chefia de Lebreton, tendo sob suas ordens o arquiteto Grandjean de Montigny, o escultor Taunay e o pintor Debret, que grande influência iriam ter sobre o “academismo” brasileiro. Mas que foi uma generosa semente cultural.

O Brasil, porém, já possuía, há muito tempo, não somente na Corte, como também fora e longe das suas rodas, uma tradição cultural relativamente forte. A Corte portuguesa não encon-